

COMPREENDENDO O HINDUÍSMO

O primeiro passo para um diálogo com os hindus

Edison Samraj

Se você alguma vez quiser ter um diálogo intelectualmente estimulante, escolha a Índia. Esqueça-se do pó, da sujeira e das multidões. Viaje num trem, primeira classe. Enquanto o trem ganha velocidade, volte-se para um vizinho. Pode ser um homem de negócios, professor de faculdade, político ou não importa quem. Se for hindu, você encontrou a pessoa certa. Ele pode prender sua atenção a viagem toda, falando da vida, morte, do que vem depois, sobre misticismo e a origem da ciência nuclear em escritos hindus antigos. No fim da viagem, sua jornada terá escapado do enfado e abrangido o nada.

Hinduísmo é tudo. Hinduísmo é nada. Não o tome literalmente. Tome-o filosoficamente. Uma das antigas religiões do mundo, seus adeptos aproximam-se de 800 milhões e vivem ao redor do mundo. O hinduísmo não é simplesmente uma religião; é um sistema complexo de crenças forjado num sistema de acomodação; é um oceano de crenças que ora são coerentes, ora complementares, ora contraditórias. Pode não ter uma resposta para todas as perguntas, mas certamente tem uma pergunta para cada resposta.

Para o cristão, isso cria um problema fundamental. Como comunica um cristão suas crenças e valores a um hindu? Não é fácil, mas podemos tentar. Para começar, precisamos compreender cinco questões básicas antes de podermos decifrar o enigma da mente hindu.

Teria o mundo evoluído?

Os hindus crêem que o mundo evoluiu através de estágios sucessivos. Primeiro veio a matéria. Depois veio a consciência, a inteligência e finalmente a espiritualidade. Num extremo do espectro cósmico há matéria pura e, no outro, espírito puro. No meio está o tempo. Na matéria, o espírito está dormente. A riqueza de uma determinada existência depende da proporção de espírito na matéria. Quanto mais alto o espírito, tanto menos matéria e tanto mais rica a experiência. O inverso também é verdade. O espírito aparece em muitas formas: como vida elementar nos vegetais, como consciência nos animais, como inteligência nos seres humanos, e como bem-aventurança no espírito supremo. Assim há uma progressão da matéria para a vida, da vida para a consciência, da consciência para a razão, e da razão para a perfeição espiritual. Em relação ao espírito supremo, um ser humano está mais próximo dele que um animal, um animal do que uma planta, uma planta do que uma pedra. Do mesmo modo um santo está mais próximo do ser supremo que um depravado.

Assim, o universo é um vasto anfiteatro no qual há uma luta colossal entre espírito e matéria, dando origem a várias ordens de ser, desde a pedra sem vida ao ser supremo onisciente.

Como é organizada a sociedade?

O hinduísmo define o sistema social ideal como *varnadharma* – um conceito que chegou à Índia com os arianos vindos do centro da Europa, muitos anos antes da era cristã. *Varna* significa cor e *dharma* significa dever, e o estofo social urdido pelos arianos primitivos no norte da Índia finalmente deu origem ao sistema de castas, tão fundamental para a compreensão do hinduísmo. Os arianos louros dividiram a sociedade em quatro castas, segundo os deveres efetuados por cada grupo numa sociedade. Aqueles que não se enquadravam em nenhuma destas castas e sub-castas de cor e dever tornaram-se os intocáveis da sociedade. A contradição interna do sistema de castas tem sido uma fonte perene de tensão dentro da sociedade hindu e o ponto de contato para outras religiões que parecem ensinar a dignidade do ser humano sem qualquer distinção. Mas o ponto de contato nem sempre tem sido bem sucedido por causa do poder esmagador da casta em resistir a quaisquer pretensões contrárias.

Como compreendemos a salvação?

Em terceiro lugar, os hindus afirmam que a vida é controlada pelo princípio de progressão espiritual, tendo *moksha* – liberação ou salvação – como objetivo final. Para os hindus, *moksha* não é somente liberação da servidão da carne, mas também das limitações da finitude. *Moksha* significa tornar-se um com o espírito perfeito. O progresso para este alvo supremo envolve um esmagamento dos desejos animais do corpo e a fusão final do indivíduo com a divindade, escapando assim do ciclo de renascimento. A jornada para o alvo final pode levar eras inteiras e milhões de renascimentos, mas é cíclica e contínua, funcionando sob a lei do *karma*.

Que é *karma* e renascimento?

Karma é a doutrina mais característica e importante do hinduísmo. *Karma* é a lei moral da causa. Do mesmo modo em que a lei de causa e efeito opera no mundo físico, a lei do *karma* opera no mundo moral. Um corte faz o dedo sangrar; do mesmo modo, se alguém rouba, aquele ato afeta a natureza moral da pessoa a ponto de serem necessários muitos atos de bondade para contrabalançar um ato de maldade. Semelhantemente, muitas existências podem se necessárias para neutralizar o mal de uma existência, e o ciclo é quase eterno. Segundo a lei do *karma*, passamos por uma série de vidas ou nesta terra ou alhures antes de alcançarmos *moksha*, isto é, liberação ou salvação. A série de vidas é conhecida como reencarnação – dando-nos tanto um impasse quanto uma possibilidade; o primeiro, porque o que fazemos numa vida afeta o que poderemos ser na seguinte; a última, porque o caminho para *moksha* tem possibilidades ilimitadas. O processo envolve várias vidas, levando o indivíduo a subir ou a descer.

Como se obtém *moksha*?

O hinduísmo sugere três caminhos para obter liberação ou salvação: *karma*, *gnana* e *bhakti*, que significam boas obras, conhecimento e devoção. O caminho do *karma* é para pessoas de ação. Elas alcançam união com o supremo mediante serviço desinteressado. O caminho do conhecimento é para pessoas de contemplação. Conhecimento é poder, e seu poder pode compreender a realidade última e levar a pessoa à união com o supremo. O jugo da inteligência é muito superior à ação, e a inteligência sob jugo tem o poder de rejeitar tanto o bem como o mal. O caminho da devoção é superior aos outros dois e permite à mente fixar-se no supremo. Os devotos se entregam a Deus, que tem piedade deles e lhes assegura salvação. Para desenvolver e manter esta atitude religiosa essencial, a pessoa deve estar constantemente empenhada no serviço e adoração de Deus, devotando corpo e alma ao serviço de Deus.

A cosmovisão hindu

Tendo visto as abordagens básicas do hinduísmo às questões da origem e destino da vida, que espécie de cosmovisão notamos nesta religião antiga? Primeiro, é uma visão baseada num conceito politeísta e panteísta de Deus. Enquanto os hindus adotam muitos deuses e muitos senhores e têm a opção de escolher uma divindade favorita, também mantêm a doutrina da onipresença em seu sentido último – isto é, deuses existem em toda parte, lá e aqui. Filosoficamente, os hindus se dão ao luxo de adorar deuses diferentes para propósitos diferentes, ocasiões diferentes e por pessoas diferentes. Essa doutrina da multiplicidade de deuses jaz à raiz da tolerância e acomodação, que é parte integral da filosofia e cultura hindus.

Segundo, a cosmovisão hindu contempla o cosmo como num processo de evolução contínua da matéria para a vida, para a consciência, para a inteligência e finalmente para a espiritualidade. Atingir essa espiritualidade final é a salvação última, unicamente pelo esforço próprio. A salvação deve ser operada por uma vida de boas obras, conhecimento e devoção. Cada pessoa luta através deste processo do mesmo modo como cada um luta com a lei do karma – com a tensão do fatalismo de um lado e a liberação do outro – e dentro dos parâmetros de renascimento e reencarnação. A salvação final é obra do indivíduo.

Terceiro, a cosmovisão hindu tem um sistema de castas no cerne de sua sociologia. O conceito de casta atribui diferentes valores aos seres humanos e exclui um grande número fora de seu privilégio e dignidade.

A cosmovisão cristã

A cosmovisão cristã é drasticamente diferente. Tem seu fundamento num Deus pessoal que criou o cosmo e tudo o que nele há. O conceito da criação divina fere não só a raiz da evolução materialista e de todos os seus desvios, mas também coloca o ser humano dentro do contexto de um Deus que ama, cuida e salva. Assim, homens e mulheres não são apenas criaturas de Deus, mas também objeto de Sua graça e de Seu propósito redentor. A salvação, por conseguinte, não é uma realização humana, mas uma dádiva divina a ser aceita pelos seres humanos. Não somos amarrados por uma lei de *karma* ou destinados a passar pelo ciclo infundo da reencarnação, mas somos convidados a aceitar o dom divino da salvação pela fé em Sua obra redentora efetuada por Jesus. Na cosmovisão cristã, a vida tem significado e a história avança para seu destino, quando Deus porá fim ao pecado, sofrimento e morte e criará uma nova terra de justiça e paz.

As cosmovisões hindu e cristã

Toda tentativa de compreender a mente hindu levará inevitavelmente a uma comparação das cosmovisões hindu e cristã. Tal comparação leva a contrastes e entendimentos amplos.

1. *O conceito de Deus.* Ao passo que o politeísmo e o panteísmo formam o arcabouço do conceito hindu de Deus, a cosmovisão cristã ancora sua crença num conceito monoteísta. Com efeito, ele reforça essa posição por seu relato da Criação. O monoteísmo pressupõe que há um só Deus e que este Deus é a força motriz do mundo. Este conceito é diametralmente oposto à filosofia hindu, na qual Deus é impessoal e sem relação com os seres humanos, ao passo que o conceito cristão é pessoal e implica relacionamento.
2. *O conceito das origens.* O pensamento hindu sustenta a posição da evolução, que é abraçada por alguns cristãos. Contudo, os cristãos que aceitam o relato de Gênesis como histórico e verdadeiro só podem rejeitar a evolução como uma opção na compreensão das

origens. A Bíblia inequivocamente sugere que “pela palavra do Senhor foram feitos os céus”. Naturalmente essa afirmação é um ato de fé, mas toda experiência religiosa é uma experiência de fé. Ademais, enquanto a aceitação hindu da evolução confunde Deus e a natureza (panteísmo, portanto), a negação cristã da evolução e a afirmação da Criação tornam Deus e a natureza ontologicamente separados. Conseqüentemente, Deus para um cristão está acima da natureza e em posição de julgamento da mesma no que concerne à entrada do pecado.

3. *O conceito da salvação.* Para os hindus a salvação vem como resultado de suas boas obras, conhecimento ou devoção. As aptidões e atividades humanas decidem a salvação. O conceito cristão da salvação é singular: aceitar e seguir a Jesus, que disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. A diferença significativa entre o conceito hindu de *moksha* e o conceito cristão de salvação é a diferença entre o que sou e de quem sou: É a minha vida controlada e governada desde o nascimento por uma força impessoal ou sou eu um filho de Deus criado à Sua imagem e sustentado por Sua graça? Ademais, o hinduísmo argumenta que o *karma* decide nosso destino; isto é, as ações determinam nosso fim. O cristianismo bíblico, por outro lado, afirma que a fé num Deus pessoal decide nosso destino. Assim, a fé é básica e essencial para nossa sobrevivência espiritual como cristãos.
4. *O conceito de liberdade.* A lei do *karma* dá ao fatalismo um papel cruel no dogma hindu. Fatalismo é a crença em que seu destino foi predeterminado por um poder mais alto que você. Os hindus atribuem experiências negativas ou realizações positivas à fatalidade. Assim a vida é programada, determinada e vivida muito antes de você nascer. Esse fatalismo nega qualquer liberdade na obtenção da salvação. O conceito cristão de liberdade não pode ser explicado ou descrito filosoficamente. Essa liberdade tem de ser experimentada. É liberdade do pecado. Não é liberdade para imergir no divino, mas liberdade para ser libertado do poder escravizador do pecado, a fim de viver em paz com Deus e com o próximo.

Partilhando a Palavra

Com base no que temos visto, o cenário de nossa viagem de trem pode ser bem fascinante. O sistema de crenças é muito complexo, com filosofia e lógica próprias. Abordar um crente nesse sistema com o evangelho cristão ou mesmo dialogar com tal pessoa não é simples. Contudo, o hinduísmo não é um sistema fechado; é aberto, tolerante e acomodatório. Levanta e tenta responder a questões que são comuns à raça humana. E nesse nível podemos dialogar. Mas não podemos abordar a tarefa com arrogância intelectual ou superioridade de qualquer espécie. A tarefa requer compreensão, humildade e respeito. Também requer nossa submissão ao Espírito Santo, que é capaz de tocar todo coração com a mensagem de amor que o Criador tem para cada ser humano. Acima de tudo, a tarefa requer uma vida que reflita os reclamos do evangelho, de modo que aquilo que Mahatma Ghandi uma vez disse possa de fato verificar-se: “Mostre-me um cristão, e me tornarei um”.

Edison Samraj (Ph.D., Universidade de Puna, Índia) é editor-chefe da Casa Publicadora Oriental Watchman. Seu endereço: Oriental Watchman Publishing House, Post Box 1417, Puna 4411037; Índia